**A EXISTÊNCIA DE UMA NATUREZA DIVINA:**

**Reflexão E Análise Do Ponto De Vista Cartesiano**

**Bruno de Abreu Oliveira¹**

**Resumo:**

No que concerne à reflexão filosófica sobre a existência de uma natureza divina, René Descartes foi um divisor de águas no debate crítico sobre a questão, no século XVII. Para analisar o pensamento cartesiano a metodologia utilizada foi leitura e avaliação de como Descartes demonstra a existência de uma natureza divina, com o principal objetivo de mostrar como consistirá a exposição do livro “Meditações em Filosofia Primeira”, de René Descartes, aborda a essência de Deus. Dessa forma é obtida uma visão que, apesar de periférica, é de muita importância para a compreensão dessa obra tão importante para o racionalismo científico cartesiano. Essa obra irá demonstrar como é encarada a existência de Deus nas obras de René Descartes, mais precisamente em “Meditações em Filosofia Primeira”, e até em um fragmento de um texto de Agostinho de Hipona. Portanto os estudos acerca das obras de René Descartes se mostram bastante importante, não só para a filosofia, mas, para todo o campo das ciências humanas, assim como, para todo o entorno do racionalismo metodológico científico.

**Palavras-chave:**

Descartes. Deus. Dúvida.

**Abstract:**

Regarding the philosophical reflection on the existence of a divine nature, René Descartes was a watershed in the critical debate on the issue in the seventeenth century. To analyze the Cartesian thought the methodology was reading and assessment of how Descartes demonstrates the existence of a divine nature, with the main objective to show how consist the exhibition book "Meditations on First Philosophy" by Rene Descartes, discusses the essence of God. Thus it is obtained a vision, although peripheral, it is very important to understand this so important work for the Cartesian scientific rationalism. This work will demonstrate how it is perceived the existence of God in the works of René Descartes, more precisely in "Meditations on First Philosophy," and even a fragment text of Augustine of Hippo. Therefore, studies on the works of René Descartes show quite important, not only to philosophy, but to the whole field of human sciences, as well as for the whole environment of scientific methodological rationalism.

**Keywords:**

Descartes. God. doubt.

**Introdução:**

René Descartes, filósofo francês (1596 – 1650), têm em sua obra “Meditações sobre Filosofia Primeira” a procura pelo entendimento sobre a existência de uma natureza divina, através de uma dúvida metódica. Dessa forma, Descartes se apega no método dedutivo, para expressar sua análise científica, por meio do questionamento de toda verdade que lhe fosse apresentada e aparentasse a menor desconfiança possível. Por isso, esta obra foi uma das expressões mais fortes do racionalismo clássico cartesiano, e publicada em 1641.

[...] se a realidade objetiva de algumas de minhas ideias for tanta que eu fique certo de que ela não está em mim, nem formal, nem eminentemente e de que, por conseguinte, eu posso ser eu mesmo sua causa, disto se seguirá necessariamente que não estou só no mundo, mas que alguma outra coisa que é a causa dessa ideia, também existe. (Descartes, 1641, p.85)

Dessa forma, Descartes adjudica a Deus o atributo de ser a causa inicial de tudo que existe. Porém, primeiramente entra no campo da dúvida geral, adotando esta como método, para alforriar o pensamento das pré-avaliações do senso comum e aprontar uma passagem para a alma desprender-se dos sentidos puramente corporais humanos, evitando que haja nenhuma dúvida após a afirmação da verdade. Posteriormente, Descartes aponta Deus como o agente do conceito de causa perfeita vivente em nós, significando a causa do próprio conceito da existência de Deus (como descrito no trecho acima).

A existência de Deus é um tema de bastante debate e tensionamentos entre os que nele o creem e os que não o acreditam. Contudo, em relação às interpretações cartesianas, é necessário fazer uma ressalva em torno do contexto histórico em que Descartes estava inserido, pois era uma época em que opiniões que discordavam do poder clerical eram encaradas com heresias e, por isso, tinham seus autores investigados, julgados e punidos de formas diversificadas. Um bom exemplo disso são as investigações e a condenação da Inquisição acerca de Galileu Galilei, que era contemporâneo do próprio René Descartes. Por esses motivos, são notórias as questões religiosas e de crenças, virgentes na época, envolvidas em tal assunto e em toda a obra de Descartes.

**A existência da natureza divina, no pensamento Cartesiano:**

Logo depois de iniciar o livro, “Meditações em Filosofia Primeira”, Descartes lança a dúvida em torno da existência de Deus e sobre a natureza divina, ele argumenta a existência e a perfeição de Deus por meio da dedução vinda de sua dúvida metódica. Assim, há a formação de um ser pensante onde, segundo Descartes, a natureza substancial esta amarrada à essência divina que garante sua particularidade e continuação. O indivíduo é formado por acidentes, mas a alma é pura substância, não sendo afetada pelos desejos corporais. Há, para Descartes, a principal confirmação da existência de Deus:

E, assim, a ideia de Deus permanece a única em que se deve considerar se há algo que não poderia provir de mim. Entendo pelo nome de Deus certa substância infinita, independente, eterna, imutável, sumamente poderosa e pela qual eu mesmo fui criado e tudo o mais existente, se existe alguma coisa. Todas essas coisas são tais que quanto mais cuidadosamente lhes presto atenção, tanto menos parece que elas possam provir somente de mim. Por isso, do que foi dito deve-se concluir que Deus existe necessariamente. (Descartes, 1641, p. 91)

Toda essa linha de pensamento cartesiana em torno de Deus é muito complexa de ser compreendida filosoficamente em sua totalidade. Toda essa formalização de atributos à natureza divina é motivo de discussões desde a Idade Média até a Idade Contemporânea. A exemplo disso, para fazer uma correlação entre o pensamento cartesiano e o de outros autores, nota-se nas obras de Agostinho de Hipona uma forte reflexão em torno da eternidade de Deus:

Na eternidade nada passa tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Verá então que o passado é compelido pelo futuro, que o futuro nasce do passado, que o passado e o futuro têm suas origens e existências naqueles que é sempre presente. (Agostinho, p.336)

Para Descartes, as próprias conclusões dos conceitos de atributos da natureza divina são motivos de profundas reflexões, ou meditações como o usado no título de sua obra. As ideias de uma substância infinita e finita norteiam boa parte do pensamento cartesiano na obra “Meditações em filosofia primeira”. E que as próprias deduções acerca delas também remetem a uma prova de uma existência divina onde, segundo Descartes, a ideia de substância infinita é inata ao homem, e pelo homem ser uma substância finita essa ideia de infinito só poderia ser obtida através de um ser perfeito e infinito, no caso Deus.

Em outra de suas obras, “Princípios da Filosofia”, Descartes continua a se debruçar em torno do tema existência de uma natureza divina, e até de maneira mais veemente do que na obra citada anteriormente, e principal fonte de análise contida nesse artigo. Em “Princípios da Filosofia”, a prova de existência divina é dada de forma magistralmente de simples hipótese dedutiva. Ela incide em mostrar que, porque existe em nós a ingênua imagem de um ser perfeito e infinito se mostra o principal fundamento de argumentação de onde se procede à ideia de que esse ser (Deus) fundamentalmente tem que existir.

Considerando, portanto, entre as diversas ideias que uma é a do ente sumamente inteligente, sumamente potente e sumamente perfeito, a qual é, de longe, a principal de todas, reconhecemos nela a existência, não apenas como possível e contingente, como acontece nas ideias de todas as outras coisas que percepcionamos distintamente, mas como totalmente necessária e eterna. E, da mesma forma que, por exemplo, percebemos que na ideia de triângulo está necessariamente contido que os seus três ângulos iguais são iguais a dois ângulos retos, assim, pela simples percepção de que a existência necessária e eterna está contida na ideia do ser sumamente perfeito, devemos concluir sem ambiguidade que o ente sumamente perfeito existe. (Descartes, 1644, p. 61-62)

Explicando que o conceito de perfeito não se gera nos sentidos humanos, mas sim na razão, Descartes liga a diretriz para a avaliação racional da essência de Deus. Ao indagar a ascendência da ideia de uma essência divina, ele se encontra com a dificuldade de que essa ideia não poderia ter passado a existir de uma coisa nula, pois o nada, nada inventa e nenhum ser, extremamente menos um ser perfeito, pode ter passado a existir de coisa nenhuma. Acompanhando este entendimento, Descartes juramentou, novamente, que um ser imperfeito não pode ser a causa da criação de um ser perfeito, pois o menos não pode ser a causa do mais. Do mesmo modo, a essência de um conceito de perfeição que permanece em nosso pensamento, corrobora com a vivência de um ser perfeito que a cunhou e a depositou em nossa razão, ou seja, um ser que pode ser chamado de Deus, segundo Descartes. Ele finaliza relatando que Deus existe pelo fato de a sua ideia existir em nossa mente.

Assim, dado que temos em nós a ideia de Deus ou do ser supremo, com razão podemos examinar a causa por que a temos; e encontraremos nela tanta imensidade que por isso nos certificamos absolutamente de que ela só pode ter sido posta em nós por um ser em que exista efetivamente a plenitude de todas as perfeições, ou seja, por um Deus realmente existente. Com efeito, pela luz natural é evidente não só que do nada nada se faz, mas também que não se produz o que é mais perfeito pelo que é menos perfeito, como causa eficiente e total; e, ainda, que não pode haver em nós a ideia ou imagem de alguma coisa da qual não exista algures, seja em nós, seja fora de nós, algum arquétipo que contenha a coisa e todas as suas perfeições. E porque de modo nenhum encontramos em nós aquelas supremas perfeições cuja ideia possuímos, disso concluímos corretamente que elas existem, ou certamente existiram alguma vez, em algum ser diferente de nós, a saber, em Deus; do que se segue com total evidência que elas ainda existem. (Descartes, 1644, p. 64)

A amostra incide neste momento em demonstrar que, já que possuímos  a ideia de Deus como ser “sumamente inteligente, sumamente potente e sumamente perfeito”, somos induzidos a finalizar que esse ser certamente existe como motivo da nossa ideia da sua perfeição. De fato, “como poderíamos nós ter a ideia de perfeição, se somos seres imperfeitos? Como poderia o menos perfeito ser causa do mais perfeito?” Portanto se conclui,  já que nenhum humano ou qualquer outra criatura é cabível de perfeição, deve existir alguma causa ou mesmo um ser perfeito que é o motivo dessa ideia de perfeição, difundida por René Descartes, e esse ser seria somente Deus.

Diferentemente da atualidade, quando há uma grande propagação de outras religiões e de condutas como o agnosticismo e ateísmo, na época contemporânea de Descartes a Igreja Católica exercia uma imensa força ideológica e arbitrária acerca dos comportamentos e demais escolhas sociais. Por esse motivo se mostra a grande preocupação de Descartes em fazer com que suas obras se ajustem ao contexto histórico da época.

Sendo assim, Descartes dá continuidade em suas ideias, sempre através de uma dúvida metódica, buscando um alircece cada vez mais concreto para a sua tese de existência de um ser sumamente perfeito e infinito, o que seria no caso a natureza Divina.

Quando percebo atentamente que duvido, a saber, que sou uma coisa incompleta e dependente, apresenta-se-me clara e distinta a ideia de um ente independente e completo, isto é, de Deus. [...] E não creio que a inteligência humana possa conhecer nada mais evidente e mais certo. (Descartes, 1641, p.111)

Assim, Descartes, acredita que o verdadeiro caminho para as ciências e as demais sabedorias será a contemplação de Deus. Pois, para Descartes, por Deus ser um ente de todo perfeito, jamais o enganaria e por consequência obteria o conhecimento de todas as coisas sem a condição de errar ou de falsidade. Porém o ser humano é passível de enganar-se, por não ser perfeito, e possuidor de uma natureza precária e extremamente restringida, diferentemente da natureza divina, que é infinita e imensamente perfeita.

Entretanto, o a dúvida metódica de Descartes provoca a pôr de lado qualquer conhecimento que deixe passar a menor dúvida que seja existente, por mais hipotética ou absurda que essa dúvida possa ser. Se há algum resquício de principio de dúvida que resta é justamente porque é certo. Uma vez que o objetivo de Descartes é o de desvendar o que pode ser conhecido sobre a existência de Deus, o método da dúvida é crucial, pois compõe a diretriz para o seu objetivo.

De forma que restava apenas que tivesse sido posta em mim por uma natureza que fosse verdadeiramente mais perfeita que a minha, e que mesmo tivesse em si todas as perfeições de que eu poderia ter alguma ideia, isto é, para explicar-me numa palavra, que fosse Deus. [...] Pois, se eu fosse só e independente de qualquer outro, de modo que tivesse recebido de mim próprio todo esse pouco pelo qual participava do ser perfeito, poderia receber de mim, pela mesma razão, todo o restante que sabia faltar-me, e ser assim eu próprio infinito. (Descartes, 1637, p.47-48)

**Natureza Divina e Natureza Matemática:**

Finalizado essa ideia sobre a existência ou não de Deus, Descartes, parte agora para comparações entre a natureza matemática e a comprovação da essência de Deus, já que segundo Descartes ele existe e cabe agora corroborar a sua tese da existência divina para enfim demonstrar de maneira científica racionalista a existência de Deus. Segundo o próprio Descartes, a essência de Deus é relação ainda mais simples do que as relações geométricas. Contudo, a partir de agora há uma procura, por parte de Descartes, em explicar também a essência das coisas materiais (especialmente das ciências exatas) e a suas ambiguidades com a própria ideia de essência divina, já que essas possuem uma natureza verdadeira e imutável.

Através da comparação entre a natureza da essência da matemática ou geometria e a argumentação comprobatória da existência de uma natureza divina, Descartes se utiliza do exemplo de um triângulo. Pois ao se imaginar um triângulo, mesmo ele estando existido somente no mundo da ideia, ele sempre manterá seus princípios de caráter determinado e imutável, independente das interpretações de qualquer pessoa. E mesmo que os sentidos humanos indiquem um determinado objeto como uma figura triangular, nada irá indicar que a essência geométrica foi criada pelos sentidos. Já que as verdades mais certas existiam, independentemente de quaisquer interpretações dos sentidos humanos, sobre as figuras pertencentes à matemática e geometria pura e abstrata, segundo Descartes.

Assim, para Descartes, dessa mesma forma seria a natureza divina. Tirando, do exemplo citado anteriormente, as argumentações necessárias para provar a existência de Deus relacionado a deduções acerca da matemática e geometria pura e abstrata. Pois, seguindo a linha de pensamento cartesiana, da mesma forma que há uma essência matemática também há nele a ideia de um ser sumamente perfeito. Entendendo assim, que há uma existência eterna, o “existir sempre”, assim como a natureza das figuras geométricas.

Pois, como me habituei a distinguir em todas as outras coisas a existência da essência e, assim, me persuado de que posso separar também em Deus a existência da essência e, assim, pensar em Deus como não existente. A uma atenção mais cuidadosa, porém, fica manifesto que a existência de Deus não possa ser separada de sua essência, tanto quanto não pode ser separada a essência do triângulo que a grandeza de seus três ângulos é igual a dois retos, ou da ideia de monte a ideia de vale. (Descartes, 1641, p.139)

Prosseguindo, Descartes, fecha a comparação entre natureza divina e a matemática mostrando que a veracidade e o fato científico estarão amarrados à essência divina de forma muito intrínseca. Para Descartes, antes de ele conhecer Deus, não se percebia o saber aprofundadamente. E que após o conhecer a essência divina, ele pôde conhecer completamente o saber correto.

Descartes também desenvolve sua linha de pensamento acerca da ótica e ainda continuando com a matemática e a geometria. Onde os sentidos poderiam exercer uma impressão diferente da realidade, inclusive toma como exemplo a referência de impressão do tamanho do sol, e que Deus aí teria um papel fundamental. Deus, por não ser um enganador, faria que nenhuma falsidade fosse encontrada nos entendimentos de Descartes. Assim, já que Deus não é enganador, Descartes de modo algum estaria apto ao erro da existência da natureza divina, de acordo com sua linha de pensamento.

**Considerações Finais:**

Após o já apresentado em todo o texto se conclui que Descartes se utiliza da dúvida para todas as coisas que aparentasse minimamente um resquício de desconfiança (dúvida metódica) e estabelece uma certeza acerca da existência de uma natureza divina. E sobre esta, Descartes, descreve seus problemas em torno da verdade e falsidade da essência de um ser perfeito, que garante o conhecimento plenamente verdadeiro. Posteriormente, o autor faz uma análise de uma relação entre a essência matemática e/ou geométrica e a prova da essência divina.

Diferentemente da maior parte de pensamento de filósofos da contemporaneidade, no que se referem à existência divina, Descartes se mostra em suas obras um “escravo de seu próprio tempo”. É necessário entender o contexto histórico que abarcava sua época, a grandiosa influência exercida pela Igreja Católica nas produções científicas da época cartesiana. Descarte oferece uma ideia de um Deus que é a mesma interpretada e propagada pelo catolicismo. Feitas essas ressalvas, a fim de que não se cometa anacronismo nas obras cartesianas, podem-se fazer bons estudos em volta de sua linha de pensamento.

Portanto é comprovada a forma como Descartes aborda a existência de Deus, através desse artigo. Nesse sentido Deus é encarado como um “ente sumamente inteligente, sumamente potente e sumamente perfeito” capaz de conduzir o conhecimento humano em toda a sua verdade mais concreta, já que por ser perfeito Deus não entraria na falsidade, segundo o raciocínio cartesiano. Deste modo, seria Deus a principal fonte do racionalismo científico cartesiano.

**Referências Bibliográficas:**

AGOSTINHO Santo, **Confissões** (tradução Maria Luiza Jardim Amarante), São Paulo: Paulus, 1984, p. 325-358.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Coleção Os pensadores, vol. XV. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 29-51.

\_\_\_\_\_\_. **Meditações Sobre Filosofia Primeira**. Ed. Bilíngue latim e português. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

\_\_\_\_\_\_. **Princípios da Filosofia.** Trad. João Gama. Lisboa: Editora Edições 70.